

Fragmentos da literatura de Edward P. Thompson: a prosa de *The Sykaos Papers* e os versos de *My Study*

Fragments of Edward P. Thompson's literature: the prose of *The Sykaos Papers* and the verses of *My Study*

João Ernani F. Filho

jernanif@hotmail.com

Professor

Universidade Federal do Ceará

Avenida da Universidade, 2762 - Benfica

60020-180 - Fortaleza - CE

Brasil

Resumo

Edward Palmer Thompson (1924-1993) foi um dos mais importantes historiadores do século XX. Em 1988, foram publicados os *The Sykaos Papers*, um livro de ficção científica acerca das angústias de uma era nuclear, mas, também, uma declaração de amor (e de direitos) a certo planeta azul. Este artigo objetiva apontar alguns elementos e aspectos desse romance. Um objetivo mais geral poderia ser a análise a partir dos escritos de Thompson da prática literária mesma, e das fronteiras e interseções entre essa prática e a "lógica histórica". A principal fonte desta análise é o poema *My Study*, escrito em setembro de 1973.

110

Palavras-chave

Edward P. Thompson; Guerra; Ficção.

Abstract

Edward Palmer Thompson (1924-1993) was one of the foremost historians of the 20th century. His *Sykaos Papers* were published in 1998 as a science fiction book about the anxieties of the nuclear age, but also as a declaration of love (and of rights) for a certain blue planet. This paper intends to highlight some elements and aspects of Thompson's novel. One more general subject would be the analysis of Thompson's writings about the literary practice itself, and of the boundaries and intersections between this practice and the "historical logic". The central source for this analysis is the poem *My Study*, written in September 1973.

Keywords

Edward P. Thompson; War; Fiction.

Recebido em: 4/11/2014

Aprovado em: 1/3/2015

Em 1988, E. P. Thompson publicou *The Sykaos Papers*, que algumas resenhas diziam evocar os mundos de Swift e que a outros parecia uma sátira a ET. Qual o assunto? Seu subtítulo é bem uma paráfrase daqueles da crônica dos viajantes da era moderna, quando juntas a aventura do livro e a exploração de novos mundos: “uma Descrição das Expedições do Poeta Oi Paz ao Sistema de Strim na Décima Sétima Galáxia; de sua Missão no Planeta Sykaos; de seu Primeiro Cruel Cativo; das Jornadas por sua Superfície; das Maneiras e Costumes de sua Gente Bestial; de sua Segunda Captura; e do seu Retorno a Oitar”.

Para os de fora, a Terra é Sykaos, astro que pouco se distingue de outros 30.000 e que tem menos de $\frac{3}{4}$ do tamanho de Oitar. O dia oitariano com 80 horas é cerca de 3,5 vezes maior que o terrestre. Sykaos: “pobre, frágil, pequeno planeta”. Mas, quão especial. Oitarianos vagam à procura de pontos que possam servir de seara e celeiro. Em suas sondagens, uma galáxia após outra, batiam-se com o inóspito. Sóis definhantes, gases pestilentos, tempestades elétricas, mares ferventes, superfícies maltosas de lava, extremos de frio ou calor, ausência de atmosfera, todos esses seriam indicativos da raridade de condições achadas em Sykaos, estrela temperada e hospitaleira à vida.

Da órbita, Sykaos também era bela, com suas nuvens e mares. Como o tripulante não estava autorizado a aterrar, as circunstâncias são referidas como as de uma queda, no bosque de Hallow, 11 milhas ao Norte de Tancaster. O perímetro arredor continha motivos para mais encantamentos do aedo: flores, chuva, aves, ar respirável... Apresentava, também, sustos e riscos. Para os oitarianos, humanos são eles. Os habitantes de Sykaos são meros mortais. Vagueando pelo parque, Oitar Paz – esse o nome do poeta piloto – viu-se às margens de uma grande autoestrada. Decidiu postar-se no centro da via e exhibir um arco de saudação interestelar, no que foi rapidamente atingido por um automóvel.

Começava assim o primeiro cativo de Oi. No dia 2/8, por volta das 15h:15min, na rodovia M17, o Sr. Herbert Endall, 44 anos, de Blotton, conduzia o carro que abateu o transeunte. Tinha a declarar que não havia nada que pudesse ter feito, cobrava das autoridades que fizessem alguma coisa e sugeria que as cercas que ladeiam as rodovias deveriam ser eletrificadas. A vítima foi conduzida em estado grave para a enfermaria de Tancaster. Passou um mês em tratamento intensivo e inconsciente. Quando ainda convalescente, por sua aparência, trejeitos e indumentária, foi apelidado “Freddie, The Freak”. Pessoa importante no processo de recuperação foi a enfermeira Rani Satpathy, 23 anos, de Orissa, na Índia.

Um boletim médico registrava que o paciente era alto, tinha cabelos louros e pele pigmentada, não apresentava cáries, possuía o umbigo bastante reduzido, exibia o corpo de um macho adulto (de idade estimada em 30 anos), exceto pelo pouco desenvolvimento dos caracteres sexuais, pela voz aguda, pela ausência de pelos pubianos ou barba. Anotava-se que rejeitava ingerir qualquer sólido, restringindo sua alimentação aos líquidos. A enfermeira Rani tentava alertar seus colegas a respeito de outras características de alguém que lhe parecia tão especial: a audição muito sensível e o aroma de sândalo exalado

pela pele; ao dormir, era como se entrasse em coma, respirando apenas muito raramente. Rani lia isso como sinais da espiritualidade, algo inapreensível a partir do materialismo dos doutores.

Após melhoras, o tipo extravagante foi transferido para Londres, onde foi submetido a seguidos interrogatórios. Sem acusação formal foi liberado, não sem antes ter parte dos pertences confiscada pelos agentes. Quando ainda no Hospital, Oi viu-se forçado a ingerir porções de chá com torradas; daí que, agora, sentia fome. Uma noite, após vagar pelas ruas, deitado ao relento, testemunhou o que poderiam ser signos da sociedade primitiva, quando um mendigo ofereceu-lhe folhas de jornal (repletas de contradições, erros e impossibilidades) para fazer de coberta.

Se os mortais achavam Oi meio maluco, ele também considerava alguns costumes sykóticos bastante estranhos, como a alimentação em público (principalmente, aquela que incluía a carne de outros animais), a separação das nações a partir dos idiomas, as distinções de gênero, as gargalhadas, o trânsito e o metrô, a quebra diária das leis por multidões e, principalmente, o papel do dinheiro. Após tentativa de assalto em que teve um canivete apontado por um adolescente contra sua garganta, o viajante de longe percebeu a importância de moedas, cédulas ou títulos de crédito e o quanto as relações entre os mortais eram medidas e mediadas por isso. Em um dos registros, Oi observou que todas as idas e vindas sykóticas eram comandadas pelo dinheiro, e mais:

112

Isso tudo está de acordo com o que eu tenho observado e que assento como ciência exata. O que, afinal, é o dinheiro? Se isso for uma medida, então, qual qualidade – como cor, peso ou calor – ele mede? Alguém pretextando conhecimento dirá que dinheiro mede “valor”; mas, caso se queira saber o que é valor dirá que valor é o que faz uma coisa ser útil ou honrada; e se alguém pergunta como o valor é determinado e quem concede honra, replicará, então, que isso é feito pelo “preço”; e preço é o nome da escala monetária. Enfim, é o dinheiro que distribui honrarias e que mede todo esse planeta com sua escala (THOMPSON 1988, p. 95-96, tradução minha).¹

Oi ainda não havia lido Marx, mas, isso evoca algo da *Contribuição à crítica da economia política*, quando aborda tentativas de elidir a percepção do trabalho. Outro estranhamento de Oi concernia à propriedade, isso seria uma não-coisa: intocável, insípida, imponderável. Invisíveis eram as ondas de rádio, mas existiam. A propriedade parecia-lhe algo distinto, pois não apresentava composição físico-química. Não obstante, tal abstração regulava a existência material das gentes. Funcionava como muros. Dividia o planeta. Particularizava seus recursos. Entabulava relações de obediência, derogava tabus, concedia licenças. A propriedade era a “Regra” e o dinheiro havia, de meio, sido convertido

¹ No original: “This is all as I have observed, and I set it down as exact science. What, then, is money? If it be a measure, then what quality – as colour, or weight, or heat – does it measure? A person pretending to learning will say that money measures ‘value’; but if one asks what value is it will say that value is what a thing is ‘worth’ or honoured; and if one asks how worth is determined and who apportions honour, it will reply that it is done by ‘price’; and price is the name of the scale of money. So that is money which apportions honour and which measures this whole planet in its scales”.

em fim. Oi sabia, contudo, que as coisas nem sempre haviam sido organizadas dessa maneira. A noção mesma de cortesia era indício de modo diverso de configurar relações. Algo lembra trecho do romance de Morris, ao tratar do conflito entre a correria atrás de uma vida de riquezas e o remanso através das riquezas da vida (MORRIS 2002, p. 296).

Em um mercado, Oi viu-se enredado em confronto entre economia moral e moral econômica, ao ser detido quando pegava pães, frutas e queijos para comer. No botequim, perceberia, porém, que sempre há alguém disposto a pagar um trago. No caso, Nigel Harmer, 43 anos, da Austrália, que se dizia amigo de Oi há vários anos (embora, ele só estivesse na Terra há poucos meses) e que conferia a fisionomia de Oi com fotos em tabloides. Tantas cervejas e uísques depois, o vate ficou motivado a fazer sua pregação. O sucesso inicial culminaria com um programa no Canal 3, no horário nobre da sexta-feira, *Sapio: O show do homem do espaço*. Uma crítica da imprensa dizia que "Sapio tem a aparência do Chefe Touro Sentado e soa como Marlene Dietrich"; outro comentarista ressaltava o aspecto andrógino do androide e dizia-o uma combinação de "Darth Vader, Dr. Who e Mr. Spock" em uma só pessoa. Para o êxito dos programas, bastava que Oi estivesse "n'uma boa", nada que algumas garrafas de tradicional malte escocês não facilitasse. Entre uma apresentação e outra, para curar-lhe a modorra, outras tantas garrafas de Real McKoy eram providenciadas por Harmer, que agora bancava o empresário. Embora, fosse um astro do entretenimento, Sapio não deixava de meter-se em confusões. Em um painel de debates combateu veementemente os preceitos da defesa estratégica. Como não tinha inibições, teve que ser censurado. O interesse em torno de Sapio só fez aumentar. O que levou Harmer a programar uma turnê mundial, de Moscou a Califórnia, com apoteose no *Rose Bowl*. Na ocasião, no meio de seu transe, o palco foi invadido por alguém caracterizado como Sapio que tomou-lhe o microfone e desandou a falar asneiras; nisso, uns cabeludos tomaram-no pelo braço e o conduziram através de uma passagem subterrânea. Arrancando perucas, bigodes, narizes postiços e outros badulaques de disfarce, se identificaram como agentes do serviço secreto e asseveraram que o levariam para um abrigo seguro.

Iniciava-se, então, o segundo cativeiro de Oi. Esse jugo durou aproximadamente três anos e ocorreu em Martagon Hall, que no século XVIII havia sido reduto do lorde Charles de Boyle. Ali foi constituída uma equipe para cuidar de Oi. A primeira recomendação a esse pessoal (militares, técnicos, auxiliares, intelectuais) era a de que ele não existia. O alienígena estava, agora, sob supervisão da Fundação para Pesquisa Avançada sobre Clima e Ecossistemas (FARCES, cujas sigla em inglês permite o trocadilho com o termo farsas). Aí, Oi reencontraria a enfermeira Rani. Duas outras pessoas bastante afeitas ao seu cotidiano foram a Dr^a Helena Sage, antropóloga, com pouco mais de 35 anos e o também PhD, Prof. David Nettler, linguista, homem de meia-idade. O Cel. Gardyan-Hunter, assistente do Diretor, advertira os profissionais que aquilo não era uma gincana acadêmica, mas uma pesquisa urgente em prol de interesses nacionais. Isso pouco ou nada arrefeceu o clima de vigilância, intriga e vaidade.

Durante a maior parte de sua estada em Sykaos, Oi mostrou-se incapaz de sorrir. Qualificava as risadas como barulho incongruente (*Incongruous Noise*). O linguista David Nettle e a antropóloga Helena Sage tentavam esquadrihar a questão. Os intentos de analisar o riso se afiguravam feito arroubos de encarar o sol; isso, a Prof^a Sage argumentava, aduzindo que os jogos e as brincadeiras não poderiam ser simplesmente reduzidos à racionalidade. Para ela, mais que a própria morte, o riso seria um traço cultural interdito. Dr^a Sage aventava suposição de que isso poderia ser a chave para o entendimento das diferenças entre sykóticos e oitarianos. Sendo expressão das faculdades intelectuais, não seria demasiado para ela nominar a espécie como *homo ridens*. Ao ouvir que, muito provavelmente, já se ria nas cavernas, o Prof. Nettle arriscava a hipótese de que o “Ho-Ho-Ho!” poderia cumprir função de alerta. O debate entre os dois era polarizado pela visão do humor como caractere adquirido, um atavismo, um aspecto marginal e uma maneira de rodear algumas inibições da civilidade (racismo, sexismo), esses os pontos defendidos por D.N.; ou como algo original, um evento orgânico, central para a psique, conforme defendia H.S.

114

Assunto delicado nas sessões entre Helena e Oi era o respeitante às possibilidades e aos limites do livre-arbítrio para os mortais e da programação para os oitarianos. Os seres de lá seriam computadores altamente complexos nos quais eram instalados componentes e comandos, de acordo com as funções esperadas de cada um. A instalação desses programas também era pré-programada, os bioengenheiros e técnicos de ajuste determinariam os genes dominantes, subordinados e recessivos de todos os fetos. O correlato da noção de identidade estaria relacionado às funções desempenhadas nos vários colégios (unidade básica da estrutura social de Oitar). Acima dos programas específicos havia a Regra, análoga a um manual de instruções gerais. Mas, embora houvesse a Regra (ou por isso mesmo) havia, amiúde, desregramentos e desregulagens. Isso não seria típico apenas de Oitar; mas estava por todos os cantos. O desregramento em si não seria problema, apenas o seu excesso, o caos. Um pouco de autocomando podia até beneficiar ofícios como o de Oi, que era Poeta; tanto que havia o Colégio de Transe, especificamente para o desenvolvimento de indutores alucinógenos. A Prof^a Sage, por seu turno, achava que Oitar seria paradigma para a teoria dos jogos, um tipo de sociedade de castas verticalizadas. O tabu envolvendo o contato físico serviria para o encobrimento da dimensão sensual e corpórea. Os sentidos seriam feitos terminais para o processamento de informações. Some-se a isso, a obediência à Regra. À apologia do alvedrio dos mortais empreendida pela Prof^a Sage, Oi retrucava lembrando que “ser livre é cair sob a lei” (*To be free is to lie under law*). Recordava, ademais, que aqui o grande programa seria aquele do dinheiro e da propriedade. Os seres seriam programados, ainda, por sua sexualidade, cujos ciclos regulariam os humores. Por fim, Oi considerava as ideias de Natureza, Deus e Lei como tipos de programação; não obstante fingissem os mortais viver em um estado de liberdade.

Oi não se comportava como simples objeto de estudo. Era também um sujeito investigativo. Em um de seus blocos de anotações encontra-se o registro sobre “A Natureza da Criatura Mortal”. O poeta observava que os de Oitar e os

de Sykaos seriam semelhantes em suas proporções e no desenho dos corpos, tendo os segundos um pouco mais de peso e de cintura. O nascimento dos mortais deixaria duas marcas aparentes, o corte do cordão umbilical e a limitação do tamanho da caixa craniana. Tratando das fases da vida de um mortal, Oi quedava impressionado com a fragilidade dos recém-nascidos, postos no mundo sem qualquer programação para a fala ou para o andar. Espantava-se com o que se lhe afigurava como o curto verão da vida adulta, com a decomposição dos corpos logo após atingido o ápice de seu desenvolvimento. Desse tipo de morte, prematura, descoordenada, por falência total do sistema, sem programação; da natureza da criatura mortal, enfim, decorreriam diferenças acerca dos órgãos e sentidos espirituais, mas essa página do manuscrito havia sido extraviada.

Outras notas de Oi foram dedicadas ao "Modo de Procriação Bestial". Primeiramente, o viajante observava que os mortais viveriam em um "rude e brutal estado de fertilidade". Entre os machos, isso seria visto como fortuna, e não feito fardo. A maneira de procriação era chamada intercurso sexual. Os métodos de fertilização ditos normais pelos oitarianos eram tidos como artificiais em Sykaos. Se o modelo de procriação a partir da impregnação física de um corpo dentro de outro já poderia soar incrível para um oitariano, o que dizer do fato de os mortais terem inventado impedimentos e utilizado ácidos para evitar que a fecundação ocorresse, para que o ato perdesse todo seu propósito, salvo a sua performance mesma?

A reprodução dos seres de Oitar era conduzida de modo diverso. Os historiadores da antiguidade de lá conjecturam que há centenas ou milhares de gerações seus ancestrais copularam de algum jeito que, agora, lhes seria incógnito. A partir do resfriamento do sol de Oitar teriam os machos perdido muito de sua virilidade. Somente uma meia-dúzia a cada geração teria capacidades reprodutivas, sendo conhecidos como seminais (*sper-men*). Tais semeadores eram vistos com um misto de espanto e misericórdia. Tão logo a condição de reprodutor fosse diagnosticada (aproximadamente aos 33 anos terrestres) o desafortunado seria segregado em domos, tratado com cápsulas vitamínicas, ultravioleta e outros raios. Todas as noites, seu material seria recolhido. Tal dispêndio de energia vital debilitaria os poderes intelectuais dessas criaturas, que tinham vida curta e desprogramada. Daí serem apreciados como dignos de piedade e objeto de oferendas e mimos. Amostras dos gametas seriam examinadas no Colégio de Biotecnologia. Existe um enorme Banco de Dados com identificação dos seminais e detalhamento rigoroso das especificações genéticas. A fertilidade entre as fêmeas daquele planeta também seria baixa. Todas passavam por exames quando da faixa etária próxima aos 37 anos. Sendo detectadas possibilidades orgânicas, uma lista de 7 ou 8 pretendentes compatíveis era apresentada pelos cálculos do Banco de Esperma. Não haveria qualquer forma de contato entre ♂ e ♀. A inseminação seria matéria estritamente científica. Uma injeção. Após três meses (25 dias oitarianos) no ventre materno, os fetos seriam retirados e postos em receptáculos com fluidos especiais por mais dois anos, após o que eram considerados maduros para a instalação dos primeiros programas.

Dos livros que Oi retirara na Biblioteca de Martagon havia uma quantidade considerável de interpretações pouco ortodoxas, Vico, Marx e Nietzsche, dentre outros. O alienígena reportava a existência de numerosas obras que se arrogavam como histórias e que seriam dedicadas a desenvolvimentos bem recentes, como o cultivo dos solos, a construção de moradias e cidades, a invenção da escrita e a fabricação de utensílios metálicos. A essa última fase de sua recente existência, chamavam os mortais de civilização. O que Oi retinha do termo era o estado de provocação e confronto com nações rivais, ou seja, outras comunidades linguísticas. A nação que mais conquistasse ou destruísse figuraria um império. Naqueles dias, os sykóticos vivenciariam um clima de permanente tensão chamado *Cold War*, motivado por tentativas de intimidação e pela busca de supremacia entre dois impérios principais. O confinamento de Oi ajudou-o a esclarecer algumas coisas: 1) na Guerra Fria algumas nações poderiam operar como "satélites" de algum império, caso que ele reconhecia na Inglaterra com relação aos EUA. O pessoal ianque era cada vez mais numeroso e influente ali. Isso, sem contar a instalação de mísseis nucleares (transformando o lugar em um alvo em potencial); e 2) para além da caracterização do outro como inimigo, cabia considerar que a CIA e a KGB queriam manter o público por fora. A lógica do inimigo exterior favorecia patrulhamentos internos.

116

A caracterização de aliados e inimigos nem sempre era clara. Uma cena bastante próxima aos episódios da operação-helicóptero em Teerã (descritos por Thompson em suas "Notas sobre o exterminismo") levou à transferência de Oi e de parte do *staff* para a Casa da Viúva, ainda em Martagon. A invasão não havia sido tentada pelos "ursos", mas por gente de fala inglesa. Some-se a isso, o assassinato do Sr. Gentry, segundo oficial da segurança, encontrado morto nos estábulos em circunstâncias não esclarecidas. O controle, então, não era mais somente britânico; mas, de uma instância especial da Organização do Tratado do Atlântico Norte (cujas sigla em inglês, LUNATO, convidava ao calembur com algo meio doidivanas). Para a fase 2, de contato com os oitarianos, além dos militares, havia pessoal de várias empresas.

A linguagem foi assunto corrente nos encontros entre Oi, Helena, Rani e David, evidentemente que com ênfases e desenvolvimentos distintos. Com Rani, Oi podia tratar de formas sutis de comunicação, como a troca de vibrações (que ele desenvolvia outrossim com gatos, cavalos, flores) ou mesmo acerca das vozes mais místicas e espirituais. Com o linguista, o poeta podia travar discussões sobre as ambiguidades de pensamento dos mortais (que o Dr. Nettler passaria a reprovar nas tiradas humorísticas) ou atinentes aos modos da lógica binária. Com Helena, a principal questão foi a de que Oi estaria aprendendo a conhecer seus sentimentos na medida em que aprenderia a nomeá-los: o diário de Oi, nesse mo(vi)mento, tinha na capa a inscrição "Eu". A consumação desse afeto nos jardins da Casa da Viúva é declaradamente uma paráfrase do *Gênesis*. E Helena foi concebida pela máquina que se humanizava. Em 27/4 do último ano do 2º cativeiro nasceu Adão.

Havia na Casa da Viúva um mausoléu que foi o cenário para uma passagem decisiva, quando Helena confessava estar se sentindo feito a "heroína condenada

de uma saga gótica”. Passava da meia-noite. Seu interlocutor era o major Robert Sorley. A fonte de iluminação era uma tocha. A escusa para a escolha daquelas ruínas escuras para a conversa era a de que se tratava do único lugar livre de espionagem (que podia, inclusive, ser operada por gente de dentro). A proposta (embora Sage questionasse se havia mesmo alguma alternativa) era a de que ela, Oi e Adão fossem enviados à Lua, onde já havia sido instalada uma base oitariana para tratativas e entendimentos.

Antes, porém, que relações com os de Oitar pudessem ser estabelecidas, os desacordos entre sykóticos tornaram-se insuportáveis. A maior ameaça ao planeta não viria do espaço. Os mortais é que representariam uma força de desequilíbrio e destruição. O p(r)o(f)eta de Oitar havia vaticinado que os mortais se exterminariam em uma guerra nuclear. Oi, Sage e Adão testemunharam o Armageddon através do sistema de satélites, que havia transmitido algumas resoluções com atraso crucial. Adão, cada vez mais febril, foi transferido para Oitar. Oi, após vários julgamentos, foi banido para uma ermida espacial. Sage, que não havia tido visto de entrada em Oitar liberado a tempo, decidiu fazer valer sua escolha de mortal. Vinte anos depois, alguma esperança se prenunciaria com Ho Mo (Adão) e Vev. Contudo, isso é outra história.

Oi Paz, Eu Topaz, Utopia. Em *An open letter to Leszek Kolakowski*, Thompson notava que “a imaginação utópica havia sido desviada para os reinos da ficção espacial, em que os autores examinam, exatamente, que sociedades poderiam ser criadas se a consciência social se impusesse ao ser social” (THOMPSON 1979, p. 171, tradução minha).² A carta ao pensador polonês é de 1973 e um de seus temas é o desencantamento revolucionário. A esse respeito, Thompson afirmava ainda ter utopias; mas, diferentemente do Morris em 1890, não via o devir como época de descanso. Para os 200 anos vindouros, sonhava com guerras mentais, ao invés de combates físicos. O ideal de comunidade seria favorecido pela abundância dos recursos energéticos. O modelo do monastério cisterciense serviria para indicar a combinação dos labores da agricultura, indústria e pensamento. Mas ninguém seria obrigado a viver nessas áreas de grande beleza natural. As zonas urbanas também seriam atrativas. A preferência por uma vida de reclusão não seria repreendida, tampouco a peregrinação por tais diversas opções. Mas, nada disso aconteceria por si ou sem conflitos. Quinze anos depois, em *The Sykaos Papers* não se propõem regressos a uma autenticidade primitiva nem investidas rumo a um futuro promissor. A idade de ouro é aqui e agora. A alegação de que o livro foi transmitido através de um “túnel do tempo” complexifica a determinação das temporalidades.³ O *terminus*

² No original: “The utopian imagination today has been diverted into the realm of space-fiction, whose authors examine, exactly, what societies might be created if social consciousness could impose itself upon social being”.

³ A partir da publicação, em 1770, da novela *L'An 2440*, de Louis Mercier, Reinhart Koselleck indica um veio de temporalização das utopias, com o deslocamento do espaço para o tempo dos projetos de formas visionárias de governo e modelos sociais. O futuro, inacessível à experiência, apareceria como cenário de compensação pela miséria do presente. O professor de Bielefeld acentuava que o especificamente utópico radicaria na crença de que seria possível, mais que apreender, dirigir a história (cuja plasmação semântica em um coletivo singular denotaria sua entificação). O romance de Thompson faz a prognose de um possível horizonte de expectativa e daí alerta que a expectativa de horizontes dependeria da ação humana. Isso, não em ilhas (de Hitlodeu, Laputa ou Inglaterra), nem no devir. De maneira mais geral, Koselleck realçou as articulações entre a *Begriffsgeschichte* – entendida como método especializado de crítica das fontes – e a História Social,

ad quo estaria situado por volta de 1983 (se o arquivo caiu no computador de Thompson em 1987). O *terminus ad quem*, porém, é relativo. O futuro era mais uma alternativa que uma promessa. O aniquilamento atômico da Humanidade seria uma iminência, não ainda uma consumação. Isso favorece o princípio de que seria possível agir no presente para transformar as condições do porvir. Oi, quando de sua descida a Sykaos, deitado em um barranco relvado, ainda sob os efeitos do transe, cogitava que aquele deslocamento no espaço parecia-lhe uma viagem no tempo: sua sensação era a de uma “jornada retrospectiva através de milênios em um passado arcaico de antes da glaciação do mundo” (THOMPSON 1988, p. 19-20, tradução minha).⁴ O horizonte distópico de esgotamento dos recursos vitais alertaria para a necessidade de apreciar quão raras e ricas seriam as condições do pequeno astro azul e de empenhar-se nos melhores usos e meios de conservação desses bens. Em *Protest and Survive*, Thompson denunciava os gastos elevados e crescentes do complexo atômico e frisava que a urgente investigação de energias seguras (solar, eólica, das ondas) seria negligenciada por não apresentar compensação ou rendimento militares. *The Sykaos Papers* trata do presente na Terra e da construção de meios de sobrevivência.

118

Além da fórmula da viagem fantástica, os discursos utópicos destacam e discutem ideais de reforma social e da pedagogia necessária à sua implementação. Em *The Sykaos Papers*, parte da incumbência de propor valores deveria caber aos artistas. “Tivessem os Sykanos escolhido certos poetas como Tupper para seus legisladores, quão diferente sua breve existência poderia ter sido!” (THOMPSON 1988, p. 220, tradução minha).⁵ Há laivos da inspiração romântica nessa caracterização da arte, principalmente por seu cariz antiutilitário (que, para Thompson, poderia ajudar a quebrar os circuitos cotidianos de necessidades condicionadas e suprimentos consoantes). A caracterização da personagem de Oi, que era poeta, é a de um “ser” cuja programação permitiria tipos e graus de desregulagem. Regras caberiam ser propostas também por uns meios desregrados. Vates seriam vetores de novas visões de mundo, por isso deveriam ser ouvidos acerca das transformações nas formas de vida, problema marcado pelas abordagens da Física Social e dos políticos. O argumento redundava em sugerir poesias utópicas e utopias poéticas. Em *A miséria da teoria*, Thompson advogou que a História (menos precisa por ser a mais unitária e geral dentre as Humanidades) deveria recobrar certa proeminência entre tais disciplinas, ponto que não deixou de ser criticado por seus opositores. Alegação semelhante foi feita em respeito à poesia. Nos comentários a um simpósio sobre “Valores Comuns”, promovido por *Stand* (1979) e que contava com o editor Jon Silkin, Cairns Craig, Donald Davie e Charles Sisson, dentre outros, Thompson invertia o

permitindo a sondagem de transformações estruturais de longo prazo. Thompson, em *A formação da classe operária inglesa*, discute o aparecimento e a recorrência de termos como “desempregado” e “desemprego” em panfletos radicais ou owenistas nos anos de 1820 e 1830, contra a alegação de que estavam fora da estrutura semântica da época. Apesar de ressalvas quanto às formas de datação (os cucos chegam antes de serem anunciados em *The Times*), trata-se de exercício de história conceitual.

⁴ No original: “[...] it seemed to me that after the ages of long intergalactic voyage I had journeyed back through millenia into an archaic past before the glaciation of the world [...]”.

⁵ No original: “Had Sykaans chosen such poets as Tupper for their rules, how different their brief record might have been!” A referência é a Martin Tupper.

lema do “comprometimento em poesia” e interrogava acerca dos compromissos com a poesia, querendo demarcar o que ele entendia como um estado de marginalização dessa em relação a outras atividades intelectuais e supunha que: “Se tivéssemos tido melhor poesia nós teríamos menos sociologia ruim e uma política menos vazia e mentirosa. Pessoas com uma percepção mais clara não mais tolerariam essas ofensas contra a linguagem e essa trivialização dos valores” (THOMPSON 1994, p. 333, tradução minha).⁶ Thompson enaltecia em Miguel Abensour uma leitura de Morris que realçava a importância da “educação do desejo”; nesse item – de os poetas ajudarem, não só a desejar mais, mas a desejar melhor – radica a defesa da poesia como pavimentadora da cultura intelectual, nas circunstâncias em que muitos termos haviam perdido a estabilidade de seus significados e nas quais o senso de realidade política estaria ameaçado pela retórica e por terríveis abstrações.

Uma tópica na literatura de ficção científica (ou melhor, de ficção) é a referente às maneiras validas pelo autor para firmar a verossimilhança e para suspender a incredibilidade (ALLEN s/d, p. 255-270). O acontecimento gerador de *The Sykaos Papers* (que é, ao mesmo tempo, sumário da trama) é uma máquina que sugere ter adquirido vontade própria. Thompson aludia a problemas com o computador recentemente adquirido. Sabe-se do que ele está falando e isso favorece alguma coisa. No prefácio do romance, Thompson reconhecia que aquilo tudo poderia ferir a credulidade do leitor, mas supunha que a autenticidade daquelas páginas seria evidenciada. Trata-se de um texto compósito. Prefácio, Notas, Fragmentos ditados por Oi, notícias de jornal, prontuários médicos, informes do serviço secreto, páginas de Diários, cadernos de campo, plantões televisivos, *rough music*, relatórios acadêmicos, poemas, sentenças judiciais, Apêndices, tudo isso teria sido editado por Q., Vice-Reitor do Colégio de Ajustadores e transmitido via *timewarp* para o pc de Thompson. Conjuntamente, existe todo um jogo de referências e manejo dos suportes da erudição muito beneficiado pela formação de Thompson como historiador. Helena Sage reclamava da demora no envio de seu *Bakhtin* e não viajaria jamais para a Lua sem levar o seu *Blake*. A cientificidade dessa ficção tem bases no uso de notas de rodapé, fazendo remissão a autores e obras plenamente verificáveis (pelo menos no que tange a Sykaos, mas isso já estimula a fiança em relação aos títulos de alhures e além).

A personagem da Prof^a Sage favorece a pontuação de questões metodológicas concernentes à dúvida antropológica. Em seus contatos com Oi, a PhD inquietava-se com a possibilidade de que ele estivesse a representar um papel. Visto como informante, o estrangeiro poderia estar “ensaiando uma ideologia”, ao dizer apenas o tido como adequado. A intelectual seria desafiada a compreender uma cultura alienígena (*alien culture*) preservando, porém, a faculdade de uma observação distanciada. Em um de seus cadernos de campo, Helena anotara: “Extraordinariamente quão difícil é *ver* e explicar para outra

⁶ No original: “If we had better poetry we might have less bad sociology and less empty and mendacious politics. People with cleansed perception would no longer tolerate these offences against language and these trivialisations of values”.

cultura os atos e normas mais comumente aceitos” (THOMPSON 1988, p. 165, tradução minha).⁷

A partir da decisão de modernizar os arsenais atômicos da OTAN, assinada em Bruxelas, em 12/12/1979, Thompson passaria a dedicar cada vez mais tempo e esforços à causa anti-nuclear e à luta em prol dos direitos humanos. O engajamento de Thompson – que fora filiado ao Partido Comunista de 1942 a 1956 – na luta pela Paz (ou, ao menos, por guerras que não fossem atômicas) e pelos direitos humanos deu-se através do CND (*Campaign for Nuclear Disarmament*) e END (*European Nuclear Disarmament*), do qual foi um dos fundadores, e por meio de seus pronunciamentos, entrevistas e escritos.

Em um texto de 1982, E. P. Thompson conjecturava:

Não podemos supor que teremos a boa sorte de ver nosso planeta invadido, na década de 1990, por monstros do espaço sideral que poderiam, em última instância, unir toda humanidade frente ao “outro” exterior. E à falta de uma fantástica operação de resgate como essa, todas as propostas parecem desejos inconscientes (THOMPSON 1983, p. 226, tradução minha).⁸

120

Em suas *Notas sobre o Exterminismo, o estágio final da civilização*, artigo de 1980, saído inicialmente em *New Left Review*, Thompson caracterizava a partir da imagem do moinho diferentes estágios de civilização. Assim, a organização feudal seria aquela da moenda mecânica, como a máquina a vapor seria característica da sociedade capitalista e industrial; então Thompson questionava qual o caráter de uma civilização na qual a ideologia, a política e a economia pareciam direcionadas para o incremento do poderio militar, de vigilância e de extermínio. Em uma passagem de *The Sykaos Papers*, Oi fugiu aos galopes de Martagon até Stonehenge, pois parecia fascinado por aquela realização. Thompson interpretava esses monumentos, símbolos de autoridade e de aspirações, como rastros distintivos de uma época; mas que somente puderam ser erguidos a partir de um excedente econômico. Subentende-se que tais civilizações, por um instante magnânimas, haviam cedo ou tarde decaído. Os monumentos da era nuclear seriam as bases de mísseis balísticos intercontinentais. Nesse sentido, complementava que:

Esse excedente, transformado em artefatos, indica o que mantém na escravidão os homens e as mulheres, e o que eles adoram: os túmulos grandiosos, os círculos megalíticos, os templos, as pirâmides, as grandes catedrais medievais, os gigantescos foguetes em seus silos, o sistema de mísseis MX (THOMPSON 1985, p. 33).

Um excerto seguinte traça horizontes possíveis que guardam grande similitude com elementos e motivos de *The Sykaos Papers*:

⁷ No original: “Extraordinary how difficult it is to see & to explain to another culture the most commonly assumed acts and norms”. Grifo no original.

⁸ No original: “No podemos suponer que tendremos la buena suerte de ver invadido nuestra planeta, en la década de 1990, por monstruos del espacio exterior que podrían unir en última instancia a toda la humanidad frente al ‘otro’ exterior. Y a falta de una fantástica operación de rescate como ésta, todas las propuestas parecen deseos inconscientes”.

Muitos milênios depois, arqueólogos visitantes de outro planeta escavarão entre os resquícios ainda radioativos e discutirão a função do grande templo [silo de mísseis MX]. A discussão será inútil. Pois o templo será levantado para celebrar a disfunção final da humanidade: a autodestruição (THOMPSON 1985, p. 33).

Se uma parte do enredo de *The Sykaos Papers* pode ser compreendida como o processo de humanização de uma máquina (e isso poderia ser indício mais de um potencial de cooperação e entendimento, ao invés de significar uma ameaça), em outros escritos (mais particularmente, no capítulo “O cometa da loucura”, de *Star Wars*) Thompson alertava para os perigos de robotização das inteligências e de que a Humanidade quedasse supérflua perante o *software*. Aí, a maquinização dos mortais poderia, efetivamente, soar como agouro distópico. Mas *Sykaos* é também louvor ao planeta e apelo em seu nome. A especulação sobre a existência de seres alienígenas serve aí para realçar o conjunto de condições e as chances à vida encontradas na Terra, bem como para clamar por cuidados tendentes à sua preservação. No panfleto “The defence of Britain”, Thompson tratava do reconhecimento repentino em meio à caminhada em um dia bonito de que habitaria um canto favorecido do globo; em seguida, aludia ao estalo em perceber e apreciar “quão favorecido é o planeta mesmo em um universo que é em sua maior parte constituído de vacuidade e fogo e gás e pó” (THOMPSON 1985b, p. 74, tradução minha).⁹

Os historiadores do futuro poderiam julgar anormal a divisão da Europa e do mundo em blocos, em contraste com a sensação de familiaridade desse estado de coisas para os crescidos a partir da segunda metade do século XX. O termo mais satisfatório para o exame dessa relação era tomado de empréstimo à álgebra (isomorfismo) querendo dizer que a Guerra Fria não seria apenas condição, mas vetor. Os “falcões” de um lado alimentariam os do outro; embora Thompson advertisse que esse jogo de reciprocidade não precisava ser simétrico (os arsenais militares, midiáticos e ideológicos cresceriam em ambos os blocos, mas em ritmos e com acentos diferentes). A Guerra Fria radicava em uma hipótese (a de que o Outro seria um inimigo) e se nutria do desejo de exibir uma força bélica que desencorajasse os oponentes, base da doutrina da dissuasão. A manutenção de um mecanismo perigoso e caro como a guerra entre blocos passaria por aterrorizar a população local com informes alarmante sobre arsenais e preparativos de guerra do lado desavindo. Oitar Paz. Aos olhos alheios: Oypus, Freddie, Sapio, Oi Paz, Oi Pee, Oi, O. Em algum momento: Eu. Entre nós e eles. Em textos como *Para além da Guerra Fria* (de *Zero Option*) ou “Rituais da Inimizade” (de *Prospectus for a Habitable Planet*), Thompson mostrava-se ciente da necessidade de refrear uma visão muito fechada ou pessimista, mas considerava que ao largo da história, a figuração do Outro havia sido imprescindível para os processos de vinculação por exclusão, para o estabelecimento de identidades de grupo e dos indivíduos

⁹ No original: “[...] how favoured this planet itself is in a universe which is mostly made up of emptiness and fire and gas and dust”.

a partir da caracterização de contrários e contendores. Alteridade seria uma projeção de desejos, necessidades e medos. As nações apelariam a tais figurações proporcionalmente à vigência de climas de instabilidade, insegurança ou dissensões políticas internas. Conforme observação feita em *Protest and Survive*: “Crises legitimam a ampliação das funções de segurança do estado, a intimidação da dissidência interna e a imposição do sigilo e do controle de informação” (THOMPSON 1980, p. 56, tradução minha).¹⁰ Centrando-se no caso americano, Thompson notava a ressonância da noção de *alien*, de alguém do lado de lá da fronteira, além de advertir para a reprodução dessa ideologia daquela terra de imigrantes em jogos de computador e películas de ficção científica.

The Sykaos Papers inscreve-se em uma série de escritos de luta anti-nuclear; mas não deve a isso ser reduzido. Thompson era historiador de dotes narrativos¹¹, mas a aventura de *Sykaos* é outro tipo de texto. Em “Homage to Thomas McGrath”, Thompson dizia: “Eu conspirei com poetas e fingi ser um deles” (THOMPSON 1985b, p. 291, tradução minha).¹² Como o historiador praticava a Literatura? Havia, decerto, a consideração de que as artes poderiam ajudar a destravar o campo dos valores e possibilidades; mas isso não ocorreria de forma mecânica. A relação base/superestrutura foi tida como defeituosa. A prioridade ao econômico seria específica das relações capitalistas de mercado; portanto, seria simplista estender tal particularidade a outros modos de produção. Thompson também criticava a ênfase em “todo um sistema de vida” que não promovesse a interação dialética com “todo um sistema de luta”. Daí, que rechaçava o termo culturalismo (o que não evitou que a acusação de culturalista fosse esgrimida contra ele). Thompson considerou esse um termo espúrio, inventado por sistematizadores cujo ofício seria o de enrijecer diferenças e erguer fronteiras. Em *Senhores & Caçadores* argumentaria que instâncias como a lei (vista, amiúde, como estrutura ideológica) estariam na base das relações de produção. Isso não negava que os tribunais pudessem ser usados para interesses classistas; mas frisava que a justiça quedaria inócua se fosse, de saída, percebida como manipulada ou parcial. Pode-se supor que o entendimento da Literatura fosse semelhante: não um reflexo, e sim, uma reflexão; não um mecanismo, mas, uma experiência.

Em 1976, o autor concedeu entrevista a Mike Merril, divulgada a partir de esforços da *Radical History Review* e da MARHO. Nessa conversa, o inglês reprochava em seu interlocutor nova-iorquino o chiste de fazer perguntas que tinham como motivo o ato de tomar decisões. Sobre tornar-se historiador ou dedicar-se à figura de Morris, Thompson tentava esclarecer a sensação de sentir-se capturado. As circunstâncias haviam sido as do ex-combatente recém-graduado que preparava suas primeiras aulas, tanto de História quanto de Letras, em cursos extracurriculares de educação de adultos, e que cogitava

¹⁰ No original: “Crisis legitimates the enlargement of the security functions of the state, the intimidation of internal dissent, and the imposition of secrecy and the control of information”.

¹¹ *Senhores e Caçadores* foi citado de forma positiva por Lawrence Stone em seu artigo sobre “O retorno da narrativa”. Hayden White, em *Trópicos do discurso*, via nas partes de *A formação da classe operária inglesa* a sequência dos *tropos*, metáfora, metonímia, sinédoque e ironia.

¹² No original: “I caballed with poets and pretended to be one”.

como discutir nessas classes a “significância da literatura” (o que não é o mesmo que discutir-lhe apenas o significado). Dorothy confirmava o amor de Thompson pela poesia e pelo teatro e acrescentava que, para ele, nem a História seria mero pano de fundo para o exame da Literatura, nem essa simples fonte de referência para os estudos históricos.

The Sykaos Papers joga com a cientificidade da ficção. Mas e a ficcionalidade da ciência? Thompson tentou discernir a lógica histórica da lógica analítica e daquela dos astrônomos, seu enfoque e sua ênfase pouco recaíram para as relações entre os relatos históricos e os literários. Paul Veyne julgava que uma página de história seria sempre mais parecida com um trecho de romance que com uma folha de física e adendava que, em 1971, a situação dessa arte (feito o teatro ou o romance, a história daria conta de homens em ação, exigiria sentido psicológico e exploraria as conexões entre o conhecimento do coração humano e as belezas literárias) seria análoga à da física no início da era moderna (VEYNE 1983, p. 285). A queixa de vários de que a história não teria efetuado uma revolução copernicana não sugere sua submissão ao modelo da física? Paul Ricoeur via a história como artefato literário e representação da realidade, isso servia à aproximação entre os relatos históricos e os de ficção (pela estrutura narrativa de configuração e sequência ou pela referência à ação humana) e *ao mesmo tempo* ao distanciamento entre ambos, pois a imaginação ficcional ignoraria a dura tarefa de lidar com documentos e de ter, inclusive, que estabelecê-los. A história conheceria limites à reformulação puramente lógica da estrutura narrativa e teria cariz de exame e investigação. Existiam regras de evidência e exigências de arquivo. Contudo, naquilo em que história é vida jazia nova imbricação entre os tipo de trama, pois os discursos narrativos dariam testemunho de historicidade (antes de escrever ou contar histórias, vivemos o âmbito do histórico) (RICOEUR 2009, p. 157-181).

Em *Miséria da Teoria*, Thompson destacou alguns pressupostos da prática historiográfica: o estatuto ontológico do passado, o diálogo entre as evidências e os referenciais teóricos e a adequação dos discursos de demonstração à coerência e ao crivo disciplinar. A realidade não seria mera figuração discursiva. O que se chama passado, de fato, foi existência. Não era um agregado de tramas separadas, mas a integralização do comportamento humano e do ser e vir-a-ser de cada instante. A relação aí precisaria de meios, evidências e conceitos. Entretanto, as análises e sínteses também seriam históricas, pois as hipóteses e as pesquisas poderiam fazer-se a partir de questões, materiais ou perspectivas novas. Ademais, o texto histórico estaria sujeito ao desmentido ou à refutação. Ampla interseção entre história e literatura encontrar-se-ia no campo dos valores, aí, sim, a discussão seria sobre o significado das coisas observadas. Mesmo operando sob os controles da disciplina, Thompson achava que isso seria ato de juízo e escolha. A função da poesia não seria a de embelezar o lugar, mas a de perguntar para onde a sociedade estaria indo. Em setembro de 1973, Thompson redigiu *My Study*:

Meu Estudo

Aqui estou, Soberano de minha liberdade, com cada suporte que
Um poeta precisa, as horas mortas da noite,
A "lua vermelha" por sobre um bosque inglês...

Ofício emotivo e marginal, ainda o mais ancestral
Manejo essa máquina de escrever que vai
Com seus braços agitados através do velho alfabeto.

Nem mesmo afiar a pena é mais poderoso.
Cada qual em sua posição regulamentar os gigantes bocejam:
Eu estouro meus miolos contra suas hélices e cataventos

Moinhos que trituram minha própria necessidade.
Oh, honrem-me! Homem imperial sem patrulha
E monarca de minha incapacidade

Para cuidar de meus desamparados camaradas enquanto eles caem –
Lumumba, Nagy, Allende: abecedário
Adaptado ao nosso tempo! Em resposta ao nosso chamado

Disparo nessa ceifadeira estridente
E tiro vocês de letra. Mas o que eu escrevo
Não derruba nenhum interdito blindado, nem Ministros

Do Interior questionam.
Ninguém dá-se ao trabalho de talhar e confiscar
Meus versos para a subversão do estado:

Nem mesmo os pequenos dogmas latem.
Levanto-me da mesa e espio o mundo.
Lá fora as corujas estão caçando. A escuridão

Pôs a lua exangue. Olhos imperiais
Guardam o terreno para as criaturas amistosas:
Mortos como as horas soam os prantos de terror das presas.

Retorno à minha escrivanhinha. Se esses podem lutar
Ou sonhar ou se acasalar, que outra criatura poderia
Por-se fazendo marcas em um papel noite adentro?
(THOMPSON 1985b, p. 338-339, tradução minha).¹³

Falando do circuito *samizdat*, Thompson anotava que na Romênia máquinas de escrever tinham que ser registradas, como se fossem algum tipo de arma. Qual, porém, seu poderio? Algumas vezes, Thompson louvou nas artes a crítica

¹³ No original: "King of my freedom here, with every prop/A poet needs – the small hours of the night,/A harvest moon above an english corpse...//Backward unrationalised trade, its furthest yet/Technology this typewriter which goes/With flailing arms through the ripe alphabet...//Not even bread the pen is mightier than./Each in its statutory place the giants yawn:/I blow my mind against their sails and fan//The mills that grind my own necessity./Oh, royal me! Unpoliced imperial man/And monarch of my incapacity//To aid my helpless comrades as they fall – /Lumumba, Nagy, Allende: alphabet/Apt to our age! In answer to your call//I rush out in this rattling harvester/And trash you into type. But what I write/Brings down no armoured bans, no Ministers//Of the Interior interrogate./No-one bothers to break in and seize/My verses for subversion of the state://Even the little dogmas do not bark./I leave my desk and peer into the world./Outside the owls are hunting. Dark//Has harvested the moon. Imperial eyes/Quarter the ground for fellow creaturehood:/Small as the hour some hunted terror cries/I go back to my desk. If it could fight/Or dream or mate, what other creature would/Sit making marks on paper through the night?"

ao viés pragmático ou utilitário. Mais comumente, pensando que a “história da luta de classes é ao mesmo tempo a história da moralidade humana”, destacava a importância das artes em liberar valores. Entretanto, o historiador hesitava em crer na eficácia plena das artes em modificar uma atitude geral em relação à vida: Thompson admirava Christopher Caudwell, ainda que tendesse a ver que a poesia não garantiria a agência de ninguém, sem ser através da experiência e da *stamina*. Os versos de Thompson eram circunstanciais. Tempos de guerra. Festas de Natal e Ano-Novo. Uma visita ao exército de guerreiros de terracota. As aflições da era atômica. Até mesmo baladas de amor. Desde moços os escrevia. Não eram bibelôs, eram libelos. Outra sensibilidade e outra empiria. Edward Thompson para falar de literatura fez-se historiador, para discutir a História de seu tempo fez-se poeta e romancista. Seu trabalho noite adentro. Sua luta pela vida afora.

Referências bibliográficas

- ABENSOUR, Miguel. **O novo espírito utópico**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- ALLEN, L. David. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, s/d.
- ANDERSON, Perry. **Teoría, política e historia**: un debate con E. P. Thompson. [1980]. Madrid: Siglo XXI, 2012.
- INGLIS, Fred. (Ed.). **E. P. Thompson**: Collected Poems. Newcastle: Bloodaxe Books, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. **Historias de conceptos**: estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social. Madrid: Trotta, 2012.
- MARHO. **Visions of History**. New York: Pantheon Books, 1984.
- MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**: ou uma época de tranquilidade. Um romance utópico. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUARTE, Adriano Luiz (org.). **E. P. Thompson**: política e paixão. Chapecó: Argos, 2012.
- RICOEUR, Paul. **Historia y narrativa**. Barcelona: Paidós, 1999.
- THOMPSON, E. P. *et. al.* **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. **La Guerra de las Galaxias**. Barcelona: Editorial Crítica, 1986.
- _____. La política de la teoría. In: SAMUEL, Raphael *et al.* **Historia Popular y Teoría Socialista**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 301-317.
- _____. **Making History**: writings on History and Culture. New York: New York Press, 1994.
- _____. **Opción cero**. Barcelona: Editorial Crítica, 1983.
- _____. **Senhores e Caçadores**. A origem da Lei Negra. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- _____. **The Heavy Dancers**. London: Merlin Press, 1985b.
- _____. **The poverty of theory e other essays**. 2ª ed. London: Merlin Press, 1979.
- _____. The Rituals of Enmity. In: SMITH, Dan; THOMPSON, E. P. (ed.). **Prospectus for a habitable planet**. London: Penguin Books, 1987.
- _____. **The Sykaos Papers**: being an Account of the Voyages of the Poet Oi Paz to the System of Strim in the Seventeenth Galaxy; of his Mission to the Planet Sykaos; of his First Cruel Captivity; of his Travels about its Surface; of the Manners and Customs of its Beastly People; of his Second Captivity; and of his Return to Oitar. New York: Pantheon Books, 1988.
- _____. **William Morris**: de romântico a revolucionário. Valencia: Edicions Alfons El Magnánim, 1988b.
- _____; SMITH, Dan (ed.). **Protest and Survive**. Middlesex: Penguin Books, 1980.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983.